

MACABÉA: ONTEM E HOJE MACABÉA: YESTERDAY AND TODAY

DOI: <https://doi.org/10.29327/2739169.1.1-15>

Recebido em: 30/04/2025

Aceito para publicação: 08/10/2025

Allyson Augusto de Jesus Ferreira

Licenciatura em Letras - Libras

Universidade Federal do Maranhão

<https://orcid.org/0009-0007-7381-862X>

São Luís – Maranhão, Brasil

allyson.ferreira@discente.ufma.br

Lienice Virgínia Silva dos Santos Pinto

Licenciatura em Letras - Libras

Universidade Federal do Maranhão

<https://orcid.org/0009-0003-0721-4562>

São Luís – Maranhão, Brasil

lienice.silva@discente.ufma.br

RESUMO

O conto *Macabéa, flor de mulungu*, de Conceição Evaristo, apresenta uma releitura crítica e poética da personagem Macabéa, criada originalmente por Clarice Lispector em *A hora da estrela*. Enquanto Lispector retrata Macabéa como uma mulher apagada, submissa e trágica, Evaristo propõe um resgate simbólico e político dessa figura feminina, transformando-a em emblema de resistência, ancestralidade e poder feminino. Ao associá-la à flor do mulungu — árvore típica do cerrado e da caatinga, conhecida por sua capacidade de resistência e renascimento — a autora reposiciona Macabéa como uma mulher que, apesar das violências estruturais e históricas sofridas, carrega em si a força da sobrevivência e da renovação. Na perspectiva de Conceição Evaristo, Macabéa não é mais apenas uma vítima silenciada pelas estruturas patriarcais e racistas. Ela se torna parteira, curadora e cerzideira, guardiã de saberes ancestrais e das memórias de seu povo. O conto, permeado por uma linguagem poética e metafórica, incorpora elementos da oralidade, da cultura afro-brasileira e da sabedoria popular, características marcantes da escrita de Evaristo.

Palavras-chave: resistência feminina, literatura afro-brasileira, releitura crítica, ancestralidade, empoderamento.

ABSTRACT

The short story *Macabéa, Flower of Mulungu*, by Conceição Evaristo, presents a critical and poetic reinterpretation of the character Macabéa, originally created by Clarice Lispector in *The Hour of the Star*. While Lispector portrays Macabéa as a faded, submissive, and tragic woman, Evaristo offers a symbolic and political rescue of this female figure, transforming her into an

emblem of resistance, ancestry, and feminine power. By associating her with the Mulungu flower — a tree native to the Brazilian cerrado and caatinga, known for its capacity for rebirth — the author repositions Macabéa as a woman who, despite historical and structural violence, embodies the strength of survival and renewal. In Evaristo's perspective, Macabéa is no longer merely a victim silenced by patriarchal and racist structures: she becomes a midwife, a mender, and a healer, guardian of ancestral knowledge and collective memory. The narrative, permeated with poetic and symbolic language, incorporates elements of orality, Afro-Brazilian culture, and popular wisdom — key features of the author's writing.

Keywords: female resistance, Afro-Brazilian literature, critical reinterpretation, ancestry, empowerment,

1. INTRODUÇÃO

A obra “Macabéa Flor de Mulungu” de Conceição Evaristo, revisita o livro “A hora da estrela” de Clarice Lispector que narra a história de Macabéa, uma jovem nordestina, migrante e pobre, cuja trajetória de vida foi marcada por silenciamento e uma vida sem tantas expectativas. Ao trazer Macabéa de volta à literatura, com uma nova ótica, Evaristo não propõe apenas continuar a personagem, mas ressignificar sua trajetória de vida lhe dando voz e ancestralidade. Para entendermos a obra de Conceição Evaristo precisamos entender o que se passa na obra de Lispector. Somente a partir desse diálogo entre as duas obras é possível perceber o alcance da crítica social presente na reescrita proposta por Evaristo, bem como os desdobramentos simbólicos e políticos dessa nova versão da personagem.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A Macabéa de Lispector

Último romance escrito por Lispector, publicado em 1977, pouco tempo antes da sua morte. A obra traz como protagonista Macabéa, uma jovem de Alagoas, órfã, pobre e nordestina, que migra para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. No entanto, a cidade grande não oferece acolhimento ou oportunidades verdadeiras de mudança. Ela consegue um emprego como datilógrafa em condições não muito boas, vive em uma pensão não muito bela e sua alimentação não é das melhores, onde, muitas vezes recorre em comer cachorro-quente para sobreviver. Macabéa é marcada por uma inocência de criança, que a torna a mesma alienada da realidade que está a sua volta dando a entender que não têm consciência da situação de exclusão e miséria que a mesma vive.

A história é narrada por um autor-personagem chamado Rodrigo S. M. A história nos revela uma reflexão profunda sobre a existência humana, a situação da mulher pobre e o apagamento social. Rodrigo, o narrador, afirma estar narrando essa história porque muitas das vezes histórias reais de pessoas como Macabéa não são contadas, não são ouvidas. Rodrigo se mostra desgastado, incomodado ao contar a vida de uma pessoa, que para as primeiras impressões parece insignificante, mas o existir revela verdades sobre como o mundo pode ser cruel. Dessa forma, Rodrigo S.M não é um simples narrador que está consciente de seu papel e frequentemente reflete sobre o seu ato de narrar. Ele questiona suas próprias motivações, a natureza da escrita e a relação entre ele e a personagem, e essa metanarrativa cria uma camada de profundidade esplêndida, fazendo com que o leitor se lembre de que está diante de uma obra onde há uma construção literária.

O estilo do narrador é considerado simples e poético, ele alterna entre descrições diretas e reflexões filosóficas, criando um ritmo que mantém o leitor curioso. A sua voz narrativa é marcada por uma sinceridade brutal, que acaba botando o próprio leitor como um personagem, pois fica totalmente imerso diante das duras realidades da vida de Macabéa. E isso se remete à relação do mesmo com a protagonista, pois é uma relação complexa, ele a vê como uma figura trágica, quase como um símbolo de miséria e da invisibilidade social, no entanto, ele também se sente responsável por dar voz à moça, por contar sua história e essa responsabilidade pesa sobre S.M e o faz refletir se ele possui capacidade para fazer justiça à vida de Macabéa.

Além disso, o narrador utiliza a história da heroína para fazer uma crítica social incisiva, onde ele expõe as injustiças e as desigualdades da sociedade brasileira, como a invisibilidade social de Macabéa que migra do estado de Alagoas para o Rio de Janeiro com a esperança de uma vida melhor, porém isso converge com as profundas desigualdades sociais e econômicas do Brasil, além de passar por extremas necessidades, a moça se vê em uma solidão velada, em que ela não é vista como mulher e nem como ser humano.

A diferença brusca de realidade da personagem traz à tona a alienação, e essa alienação é mostrada como Macabéa está desconectada de si mesma e da realidade que a cerca. Essa alienação é uma crítica à própria sociedade moderna, que muitas vezes desumaniza e isola os indivíduos. A vida da estrela é uma representação da luta pela sobrevivência em um mundo indiferente.

O livro é construído através de reflexões, questionamentos filosóficos e até interrupções do narrador, que questiona o seu próprio fazer do narrar e aquilo que ele está contando. Macabéia tem um breve relacionamento com Olímpico de Jesus, um operário, que tem como objetivo crescer socialmente na vida.

Ela a abandona para assumir Glória, uma colega de trabalho que é mais cheia de si e vaidosa. Mesmo com a exclusão de Olímpico, Macabéia é passiva de toda a situação, sem demonstrar resistência. A ausência de confiança faz com que ela aceite calada aquilo que lhe é imposto. Ela não reconhece o que é belo, não entende o que sente e vive em um mundo de sonhos cedidos pelas novelas e por acreditar que o mudar de vida vai chegar. O momento chave da narrativa está envolto quando Macabéia procura uma cartomante, chamada Madame Carlota, que contraria todas as previsões anteriores de sua vida silenciada, anuncia uma mudança positiva, diz que Macabéia encontrará um homem rico, receberá amor e será famosa. Essa previsão enche a mesma de esperança e pela primeira vez acreditar em um futuro melhor.

No entanto, sem esperar, logo após a consulta com a cartomante, Macabéia é atropelada por um carro e morre, finalizando a narrativa, sem qualquer redenção ou continuação para a vida da protagonista. Embora o final triste, a autora, Clarice Lispector faz uma grande reflexão sobre invisibilidade social e o futuro triste de pessoas marginalizadas. A protagonista é símbolo de opressão por seu gênero, classe e da sua região. “A hora da estrela”, é mais do que um relato de uma vida qualquer, é um denunciante da exclusão social e da crueldade da vida, que torna invisível pessoas que têm voz.

2.2 A Macabéia de Evaristo

Na obra “Macabéia Flor de Mulungu” é uma obra curta, publicada em 2023, onde a autora, Conceição Evaristo, ressignifica a personagem Macabéia, criada por Clarice Lispector em “A Hora da Estrela”. Inicialmente, o conto foi parte de um projeto de 2012 que visava reescrever personagens clássicos da literatura brasileira, mas em 2023, a editora Oficina Raquel publicou o conto em uma edição ilustrada por Luciana Nabuco, trazendo uma nova vida à história de Macabéia. O proposto por Evaristo é revisitar essa figura feminina e dar-lhe uma nova história de vida, por meio de um olhar negro. A personagem é originalmente apagada e sem consciência de nada e morre sem ter vivido o que sonhava. Através da escrita de Conceição Evaristo, a transforma em uma figura símbolo de resistência e ancestralidade.

2.3 Resistência e Ancestralidade

Na obra, Evaristo reescreve sobre o destino final de Macabéa, resgatando a do esquecimento de sua morte qualquer, para inseri-la em uma trajetória em que ela é curada e acolhida. Percebemos uma diferença desde o início das duas escritas, enquanto na de Lispector a personagem é levada à morte e a ser invisível, na de Evaristo ela é levada para um território onde ela será lembrada e terá voz. Nesta obra, temos Béa, uma forma carinhosa de se referir a Macabéa. Quando utiliza esse apelido, Evaristo aproxima a personagem do afeto, mas também lhe dá um novo contexto, ela não é mais apagada e desvalorizada, mas uma mulher que é acolhida e guiada por outras mulheres.

O livro se inicia com a imagem de um corpo machucado, “um corpo jogado ao chão”, que pode ser entendido como o fim da história, a morte. Mas esse corpo não é abandonado, mulheres negras se aproximam e em um tipo de ritual, cuidam, lavam e protegem Macabéa. Essa é a temática central da obra, o acolher. A ação de cuidado rompe a lógica da solidão e do descaso vivido pela trajetória da personagem. Conforme a narrativa continua, as escritas se transformam em uma cantiga, em que palavras repetidas levam Macabéa a sentir o religioso. A linguagem da obra é carregada do simbólico e do afeto que reforça o gesto das mulheres que a acolhem.

A árvore do mulungu, uma árvore sagrada que representa proteção e sabedoria, que está presente no título e ao longo da escrita, representa não um âmbito qualquer, mas um lugar de descanso que revela espiritualidade. A flor desta árvore simboliza o renascimento, que surge em meio a dor. Nesse período, Macabéa deixa de ser uma jovem sem enredo e sem relevância. Ela evolui para uma flor, filha da ancestralidade que a conecta com outras mulheres, que assim como ela, foram silenciadas, mas que continuam a germinar em outras formas de existir. O final da obra não é o fim no sentido literal, mas é o começo para o continuar da vida, nesse sentido, Macabéa não morre, ela floresce.

Nesse sentido, florescer é um ato espiritual e de resistência. A obra é construída como um ritual de passagem, tendo a morte simbólica como a identidade negada para o florescer de uma nova forma de viver, sendo uma mulher consciente, potente e baseada no coletivo feminino. A obra está conectada com uma das formas de escrever de Evaristo, a “escrevivência”, que é o escrever de quem é silenciado, principalmente falando do viés de mulheres negras. Recontando a história de Macabéa, dando voz a uma nova trajetória e valorizando a sua pessoa, isso é escrevivência, é valorizar quem durante muito tempo foi marginalizado e nunca teve a oportunidade de contar sua própria história. A obra se liga com o

pensamento de Beatriz Nascimento em “Quilombo como Espaço de Memória e Resistência”. A mesma defende que os quilombos são mais do que meros espaços físicos, são lugares carregados de simbolismo, resistência e o continuar da ancestralidade africana. A árvore Mulungu pode ser lido simbolicamente como “quilombo”, onde reside saberes, vivências, espirituais e práticas de afeto, que são práticas de povos africanos.

2.4 Encontro de Macabéas: Uma História de Renascimento e Resistência

É válido refletir sobre uma conclusão ao final das duas obras, obras que se interligam, se não houvesse a primeira, a segunda não existiria. Pode-se imaginar o encontro delas, tão iguais, mas em tempos diferentes. Em um canto esquecido do Rio de Janeiro, duas figuras se encontram em um cruzamento de destinos. Macabéia, a jovem nordestina de Clarice Lispector, caminha pelas ruas com seu olhar perdido, carregando o peso da invisibilidade social. Ela é uma sombra entre as multidões, uma existência que passa despercebida.

Do outro lado, surge Macabéia, a Flor de Mulungu, reimaginada por Conceição Evaristo. Ela carrega consigo a força e a resiliência de suas raízes, uma mulher que floresceu apesar das adversidades. Seus passos são firmes, e seu olhar, determinado. As duas Macabéas se encontram em uma praça, um lugar onde o tempo parece suspenso. A Macabéia de Lispector, com sua timidez e fragilidade, olha curiosa para a outra, que exala uma aura de força e serenidade.

Macabéia de Lispector: "Quem é você? Parece que te conheço, mas não sei de onde."

Macabéia de Evaristo: "Eu sou você, mas de um jeito diferente. Sou a Macabéia que encontrou suas raízes e floresceu como uma flor de mulungu."

A Macabéia de Lispector sente uma mistura de confusão e esperança. Ela nunca imaginou que poderia haver uma versão de si mesma tão forte e resiliente.

Macabéia de Lispector: "Como você conseguiu? Eu me sinto tão perdida, tão invisível."

Macabéia de Evaristo: "Foi um caminho difícil, mas eu encontrei força na minha ancestralidade, na história do meu povo. Aprendi que, mesmo nas condições mais adversas, podemos florescer. Você também pode."

As duas Macabéas sentam-se juntas, compartilhando suas histórias. A Macabéia de Evaristo fala sobre a importância de reconhecer suas raízes e encontrar força na identidade. Ela explica como a metáfora da flor de mulungu representa a capacidade de resistir e renascer.

Macabéa de Evaristo: "Você não está sozinha. Sua história é a história de muitas mulheres que lutam todos os dias. Juntas, podemos encontrar força e transformar nossa realidade."

A Macabéa de Lispector sente uma nova chama de esperança acender em seu coração. Ela percebe que, apesar de todas as dificuldades, há uma possibilidade de renascimento, de encontrar sua própria "hora da estrela".

Macabéa de Lispector: "Obrigada. Eu nunca pensei que poderia haver uma versão de mim tão forte. Vou tentar encontrar minha própria força."

As duas Macabéas se despedem, mas o encontro deixa uma marca profunda. A Macabéa de Lispector continua seu caminho, agora com uma nova perspectiva, enquanto a Macabéa de Evaristo segue sua jornada, sabendo que plantou uma semente de esperança.

Essa interligação entre as duas personagens mostra como diferentes perspectivas e experiências podem se complementar e enriquecer a compreensão da condição humana. Ambas as Macabéas, apesar de suas diferenças, compartilham uma luta comum e a capacidade de encontrar força e resistência em meio às adversidades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler “Macabéa: Flor de Mulungu”, é um gesto de ouvir e de reencontrar. É importante ler essa obra porque ela nos oferece uma nova jornada sobre uma personagem já conhecida na literatura brasileira, mas principalmente porque dá relevância a uma proposta de escrita que tem o comprimento com as memórias de alguém que teve a voz apagada ao longo do tempo. Em um país centralizado por desigualdades raciais, gênero e classe, a obra propõe uma reflexão acerca do modo que vemos personagens que são deixados de lado, não como vítimas submissas, mas como pessoas carregadas de força e sabedoria.

A obra é excelente não pela estética, mas pelo seu objetivo de valorização da vida. A Macabéa ou Béa de Conceição Evaristo, se torna símbolo, ela representa muitas mulheres, que assim como ela, vivem silenciosamente, ocupando lugares precários, como saberes subjugados menores, mas que possuem potência e significância. Evaristo tira essa mulher do lugar da morte para colocá-la no centro do ancestral. Ela floresce, mas é um florescer coletivo. Ela resgata a história de mulheres negras, que não começa com violência, mas passa por uma luta de resistir no coletivo e no cuidado. Macabéa mesmo em silêncio, o tamanho daquilo que ela carrega. Outro ponto importante é que ela insere Béa em uma rede de mulheres que cuidam e que estão conectadas. A ancestralidade, significa algo vivo, que está presente em toda a obra.

A imagem da árvore sagrada que mesmo quando tudo parece padecer, ela floresce em meio a tristeza. A obra reflete sobre o papel da literatura, de quem escreve e quem conta essas histórias. Conceição não apaga Lispector, ela propõe uma nova ótica para a mesma personagem. Em vez de olhar ela com poucos olhares, a enxerga no profundo, vendo assim o seu corpo e a sua escuta completa. O livro nos ensina a valorizar aquilo que normalmente tende a ser desprezado. É uma obra que não aceita a morte simbólica de muitas Macabéas que estão por aí, é oferecido o direito de crescer no florescer, como as flores do mulungu. O livro funciona como forma de resistir, é escolher ouvir o que sempre nunca foi ouvido, mas que o livro nos convida a perceber com cuidado quem merece resistir e ser ouvido.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. **Macabéa, Flor de Mulungu**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2023.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. 89. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

NASCIMENTO, B. **O negro visto por ele mesmo**. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, p. 130- 131, set. 1976.